

A FORMAÇÃO INTELECTUAL DOS SERES DESACREDITADOS: OS AFRICANIZADOS NUMA SOCIEDADE RACISTA

Idrissa Da Silva¹

Josenildo De Jesus Pereir²

RESUMO

O presente trabalho objetiva discutir as dificuldades enfrentadas pelos estudantes africanos para se inserirem no mercado de trabalho, principalmente das áreas das ciências humanas, nas principais escolas do Ceará e outras partes do Brasil. Utilizamos como método para essa pesquisa as nossas próprias experiências, em primeiro lugar, e as experiências de outros amigos que vivenciaram as mesmas dificuldades na busca e acesso ao trabalho formal e, que por sua vez, se encontram em situações de vulnerabilidade empregatícia devido ao racismo e desconfiança da capacidade do graduado africano. A raça é o primeiro elemento do acesso e definição da vida das pessoas brancas e pessoas negras no Brasil. Desde o século XVI, o homem negro foi negado a existência e sua história, passando a ser escravizado e foi sendo colocado como máquina de trabalho e de exploração humana numa sociedade racista, capitalista e patriarcal. A dificuldade para entrar no mercado de trabalho vivenciada pelos formados africanos nas universidades federais do Brasil, se explica pelo racismo e pela sua construção histórica. A pele branca, como a primeira estética verbal, a pele negra constitui a anti-pele.

Palavras-chave: Africano; Racismo; Estudante; Brasil.

UFMA, Campus do Bacanga, Discente, idrissaronaldo10@gmail.com¹

UFMA, Campus do Bacanga, Docente, jj.pereira@ufma.br²

INTRODUÇÃO

A formação histórica do Brasil é marcada pelo pecado colonial. Tanto quanto do pacto historiográfico a esse pecado, isto é, a partir do campo semântico colonial de 1500, como a sua historiografia convencionou projetar aos dias que correm. O Brasil passa a ser lido a partir de 1500. Essa leitura temporal e espacial, deu marco a desacreditação dos seres nomeados de Indígenas. Esse encontro histórico, cultural, político e social, foi desigual para uns e projetou uma série de desconfiguração psíquica e cultural, dando ênfase na ideia da inferioridade dos povos nativos e superioridade moral, cultural e política europeia branca sobre estes. Essa negação de sentido político, cultural e indenitário deu sentido e azo a crença europeia, a dominação e colonização dos povos nomeados de sem história, de sem Deus, de sem lei e sem Rei.

Concomitante a esse percurso colonial europeu nas Américas, as Áfricas começam a ser sangradas ininterruptamente, passando a ser a ponte entre os três mundos. Essas histórias conectadas (Gruzinski, 2001), não conectou os eus existenciais do sentido humano, mas projetou falsas prerrogativas do sentido moral e cultural sobre os outros sem história e sentido evolutivo. Assim, os chamados povos africanos, passaram a ser a força bruta e motora da economia que a sociedade racista e patriarcal necessitava.

O penso logo existo, conhecido como ponto fundante da racionalização europeia, era fadado aos africanos e povos Indígenas (Grosfoguel, 2016). Esses outros sem sentido cognitivo, era preciso credenciar-lhes numa tutela civilizatória, em que o gosto pelo trabalho braçal, seriam suas contribuições ao progresso humano, visto que lhes faltam o dom e a providência divina.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, levando em conta as partilhas de experiências dos egressos da universidade, o método escolhido desta pesquisa, parte das nossas próprias experiências em primeira pessoa e depois dos demais colegas africanos/guineenses das áreas humanas. Por outro lado, este trabalho se apoia nos laços e conversas dentro das nossas redes de afeto sobre viver no Brasil, do qual a unanimidade dos alunos formados nas áreas humanas é unânime em relação as dificuldades do mercado de trabalho para um formado que pretende ganhar a vida com o seu intelecto, senão com a sua força bruta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A verdade é que, bem lembrado por Jesse Sousa (2021), o racismo criou o Brasil. Por ter criado dignidade e poder para uns, marginalizou e desacreditou outros. Conferindo, assim, acessos desiguais dentro de um mesmo mundo, mas diferentes nos acessos a vida. Para a formação de um marginalizado social e cognitivo (Goffman, 2008), como sujeito colonial, ele é um sujeito esvaziado da razão mental, como sujeito contemporâneo, ele é um ser desacreditado social e educativa.

O estudante estrangeiro ao terminar seus estudos de graduação resta-lhe duas opções: ou ficar no Brasil e procurar novas oportunidades ou voltar para sua pátria. Nas situações em que muitos optam por ficar, só resta a informalidade, como por exemplo, o trabalho nas praias, ou o ingresso nos cursos de pós-graduação. Conseguir um emprego com base em seu diploma torna-se uma tarefa difícil de ser alcançada.

Com base em nossa experiência pessoal, constatamos a dificuldade de ser considerado um candidato habilitado para disputar uma vaga em nossa área de formação. Após concluir a graduação em 2019, colocamos currículos em diversas escolas da cidade de Fortaleza e observamos que o recém-formado africano é visto como inabilitado a aceitação plena e intelectual (Goffman, 2008), pois nenhuma escola predispôs-se à

minha aceitação plena e intelectual.

O estado do Ceará, lugar que categoricamente afirma ser portador da luz, lugar que teve a ousadia, segundo dizem, de abolir a nefasta desumanização dos outros, estado que vangloria mais próximo do diálogo sul-sul, mas por outro lado, só permite aos africanos portadores de títulos tais como, Bacharelato em humanidades, licenciados ou mestres, o trabalho de garçons nas praias e bares de fortaleza e demais trabalhos que não condizem com sua formação acadêmica e intelectual, ainda não aboliu a escravidão. Esse número de estudantes graduados e em processo de graduação, ultrapassa 50 que conhecemos e conversamos a respeito da não aceitação plena.

CONCLUSÕES

Por se tratar de um trabalho em construção, é prematura ter uma conclusão, mas os pergaminhos estão a solto. A desigualdade no seio dos egressos da UNILAB, demonstra ser inócua pensar o Brasil como espaço de oportunidade para todos, sem pensar o racismo e a xenofobia como divisor social e de oportunidades para os estudantes brasileiros e estudantes africanos. Ao ingressar no mestrado em Foz do Iguaçu, sem bolsa, o resultado foi o mesmo. Fui inabilitado à aceitação intelectual. Terminado o mestrado e presentemente cursando o doutorado, ainda estamos em busca de oportunidade e aceitação plena intelectual para ocupar uma vaga no ofício do saber.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão, ao professor orientador Josenildo de Jesus Pereira e a FAPEMA, agência de fomento a pesquisa da qual somos bolsista.

REFERÊNCIAS

- GOFFMAN, Erving, 1922-1982. Estigma: notas sobre a manipulação de identidade deteriorada / Erving Goffman; (Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes). - 4. Ed. (reimpr.). - Rio de Janeiro: LTC, 2008
- GROSGOUEL, Ramon. Del extractivismo economico al extractivismo epistemico y al extractivismo ontologico: una forma destructiva de conocer, ser y estar en el mundo. In: Tabula Rasa, nº 24, 2016, pp. 123-143
- GRUNZISKIK, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories. Topoi, Rio de Janeiro, mar. 2001, pp. 175-195.
- SOUZA, Jessé. 1960- Como o racismo criou o Brasil / Jessé Souza. -1.ed.-Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.